



Aspectos do nomadismo identitário e dos corpos sem órgãos em *Synonymes*, de Nadav Lapid

Aspects of the Identitary Nomadism and the Bodies Without Organs in Nadav Lapid's *Synonymes*

Jorge Santana*

Universidade Federal de Goiás (UFG) | Goiânia, Brasil
jorgeufg@bol.com.br

Alice Amorim de Santana Mota**

Universidade Federal de Goiás (UFG) | Goiânia, Brasil
alicemota@live.com

Resumo: Neste artigo refletiremos sobre o filme *Synonymes* (2019), do diretor israelense Nadav Lapid, ganhador do Urso de Ouro no *69th Berlin International Film*, em relação às temáticas: produção de identidades transversais, demonstradas pelos corpos sem órgãos (CsO), pensada por Deleuze e Guattari; diásporas políticas e subjetivas contemporâneas de Israel, de acordo com Hall; as transformações críticas de capitais simbólicos, de Bourdieu; bem como sobre as heterogêneas mobilidades transculturais que conformam a sociedade israelense atual, segundo Augé.

Palavras-chave: Nadav Lapid. *Synonymes*. Cinema israelense.

Abstract: We will reflect upon the Israeli director Nadav Lapid's movie *Synonymes* (2019), winner of the 69th Berlin International Film Festival's Golden Bear, relating it to the thematic: production of transversal identities indicated by bodies without organs (CsO) (Deleuze and Guattari); Israeli's political and subjective contemporary diaspora (Hall); symbolic capital's critic transformation (Bourdieu); as well as the transcultural heterogeneous mobilities that conform the current Israeli society (Augé).

Keywords: Nadav Lapid. *Synonymes*. Israeli Cinema.

Yoav: Vim para a França para fugir de Israel. Para fugir daquele estado mau, obscuro, ignorante, hediondo, sórdido, fétido, brutal, abominável, lamentável,

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

** Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Goiás.



*repugnante, detestável, estúpido, limitado,
pobre de espírito e insensível.*

*Émile: Nenhum país é isso tudo ao mesmo
tempo. Escolha.*

(Nadav Lapid)

*O CsO [corpo sem órgãos] é o campo de
imanência do desejo, o plano de consistência
própria do desejo (ali onde o desejo se define
como processo de produção, sem referência a
qualquer instância exterior, falta que viria
torná-lo oco, prazer que viria preenché-lo).*

28 de novembro de 1947.

(Gilles Deleuze e Félix Guattari)

Uma câmara nervosa e cheia de recortes apresenta um jovem andando pelas ruas de Paris. Ele acaba de chegar à capital e está fugindo de Israel. Instala-se provisoriamente em um apartamento desabitado em um prédio de classe média alta da cidade. É Inverno e o rapaz toma seu banho em uma banheira, quando sua mochila é roubada misteriosamente na sala do apartamento que ficara com a porta aberta. Assim, sem suas roupas, ele corre o risco até mesmo de morrer de hipotermia.

Tal fato não ocorre, pois um casal de jovens franceses do apartamento vizinho, Émile (um herdeiro de um grande empresário) e Caroline (uma musicista companheira de Émile) chegarão a tempo de salvar o estrangeiro, acolhendo-o em seu apartamento e o agasalhando. Assim são as primeiras sequências do filme *Synonymes*,¹ 2019, de Nadav Lapid.²

¹ O filme ainda não possui grande fortuna crítica acadêmica. No entanto, a imprensa especializada vem se debruçando sobre ele com grande interesse devido à sua temática transcultural e estética inovadora. Exemplo disso se encontra em BELINCHÓN (2020), BROWN (2020), CAMIA (2020), EHRlich (2020), LALANNE (2020), MERTEN (2020), WEISSBERG (2020); destaque-se às duas entrevistas que o diretor concede à Entrevista em CLARAC (2020) e SOBRAL (2020), nas quais ele oferece detalhes da produção de seu filme, de seu projeto sociopolítico e dos biografemas estetizados.

² Nadav Lapid é escritor e diretor de cinema israelense, nascido em Tel Aviv em 1975. Formou-se em filosofia na Universidade de Tel Aviv, prestou o serviço



Um singular trio de amigos se forma, sendo que o jovem israelense, mesmo amparado pelo casal, seguirá para um outro apartamento, localizado no bairro judeu do Marais, onde viverá os sete meses de sua estada em Paris. Essa estada será inteiramente voltada para as aprendizagens cultural e oficial que Yoav pretende alcançar.

Para contextualizar o projeto revolucionário e supostamente libertário de seus novos pertencimentos culturais, veja-se um excerto no qual a protagonista explica para o seu novo amigo francês os seus planos de vida na França:

Yoav: Vim para a França para fugir de Israel. Para fugir daquele estado mau, obscuro, ignorante, hediondo, sórdido, fétido, brutal, abominável, lamentável, repugnante, detestável, estúpido, limitado, pobre de espírito e insensível.

Émile: Nenhum país é isso tudo ao mesmo tempo. Escolha.

(Pausa com imagens do rio Sena, na Île de la Cité, com fragmento da Catedral de Notre Dame ao fundo).

Émile: Precisa levantar a cabeça. (Yoav acena negativamente com a cabeça). Para que a vejam.

Yoav: Vim para a França para fugir de Israel. Para fugir daquele estado mau, obscuro, ignorante, hediondo, sórdido, fétido, brutal, abominável, lamentável,

militar obrigatório, mudando-se para Paris após essa experiência. Viveu na capital francesa dos vinte e três aos vinte e cinco anos, trabalhando com jornalismo desportivo. Posteriormente, retornou a Israel para estudar na escola de cinema e televisão na Sam Spiegel Film and Television School em Jerusalém. Seu primeiro filme, *Policeman*, foi aclamado internacionalmente, sendo premiado no Festival de Locarno, em 2011. Em 2014, seu próximo filme, *The Kindergarten Teacher*, ganhou o *International Critics' Week*. Em 2016, Lapid foi nomeado membro do júri do *International Critics' Week*, uma das sessões temáticas do Festival de Cannes. Também foi laureado com a homenagem *Chevalier des Arts et des Lettres*, pelo *Internationale Filmfestspiele Berlin*, em 2019. Nesse mesmo ano, Lapid ganhou o prêmio máximo, o Urso de Ouro, no *69th Berlin International Film*, com o filme *Synonymes*. Dentre seus principais trabalhos cinematográficos, tem-se: *Emile's Girlfriend* (2006), *Policeman* (2011), *Footsteps in Jerusalem* (2013), *The Kindergarten Teacher* (2014), e *Synonyms* (2019).



repugnante, detestável, estúpido, limitado, pobre de espírito e insensível.

Émile: Nenhum país é isso tudo ao mesmo tempo. Escolha.

(Pausa com imagens do rio Sena, na Île de la Cité, com fragmento da Catedral de Notre Dame ao fundo)

Émile: Precisa levantar a cabeça. (Yoav acena negativamente com a cabeça). Para que a vejam.³

Após tantas judicações duras e terminantes em relação a Israel, Yoav é alertado para o fato de que nenhuma sociedade pode ter tantas características negativas de modo simultâneo, além do conselho recebido para que o jovem israelense ande pela cidade com a cabeça erguida, o que lhe possibilitaria observar de modo mais prático as territorialidades construídas e a mobilidade populacional que aí são permitidas.

O rapaz confessa uma de suas grandes vontades no campo do trabalho. Ele diz que deseja ser um escritor capaz de expressar e refletir sua época disposta em uma sociedade capaz de respeitar e incentivar comportamento liberais. Émile lhe pede detalhes sobre tal projeto, no que ele apenas insiste em responder que tal projeto de escrita será feito completamente em francês, pois está decidido a abandonar de vez o idioma hebraico que, segundo ele, não lhe possibilita liberdade criativa e existencial.

Dessa forma, um exercício sistemático com a língua francesa será disposto nos entremeios da narrativa fílmica. Yoav comprará um dicionário básico de francês-hebraico e em todos os momentos possíveis, mental ou verbalmente, treinará tanto o vocabulário, quanto a sintaxe do idioma que pretende dominar nas suas relações com o povo francês e consigo mesmo. Nessa atividade, seu domínio linguístico rapidamente avança do domínio formal para aquele linguístico pragmático. no qual se consegue aproximar dos múltiplos e heterogêneos níveis semânticos que o idioma exige de seus usuários tidos como mais típicos.

O aprendizado linguístico e cultural de Yoav pode funcionar como um *leitmotiv* para a narrativa fílmica. Esse padrão demonstraria certa racionalidade e afetividade até mesmo dissonante, tendo em vista a necessidade pragmática do propósito de reconstrução identitária. Exemplo disso são os conjuntos de palavras e de frases que o jovem vai dispendo em seu tempo de aprendizado, imerso nas ações cotidianas levadas em Paris. Observe-se esses conjuntos nas

³ LAPID, 2019, 18'12".



ocorrências que o enredo fornece. De início, note-se o material linguístico por núcleos:

Núcleo com adjetivos – Yaov: mau, obsceno, ignorante, hediondo, sórdido, fétido, brutal, abominável, lamentável, repugnante, detestável, estúpido, limitado, pobre de espírito, e insensível.⁴

Núcleo com substantivos – Yaov: Os condes. As condessas. Os duques. As duquesas. Os príncipes. As princesas. O príncipe. A princesa. Não levantar a cabeça. Não levantar a cabeça.⁵

Núcleo com verbos – Yaov: morrer, descobrir, abdicar, percorrer, abnegar, perjurar, odiar, renunciar, conjurar, perjurar, odiar, partir, repartir, descobrir, morrer, correr, sorrir, rir, rugir, rolar em forma.⁶

Núcleo com sintagmas nominais e frasais – Yaov: Refrear suas vontades. Refrear seus desejos. Refrear suas fantasias. Palavras fortes. Palavras ainda mais fortes. Palavras ofensivas, violentas, vigorosas. Palavras que dominam outras palavras, que as humilham. Palavras fracas, frouxas, pálidas, oleosas. Palavras que batem nas outras palavras. Que arrebetam a cara delas.⁷

O objetivo de citar esses exemplos não é de fazer um estudo linguístico *stricto sensu* dessa ocorrência sistemática no aprendizado de uma língua, mas o de seguir certa pragmática no aprendizado e uso efetivo de estratégias linguísticas. Assim, percebe-se uma espécie de gradação funcional, semântica e rizomática⁸

⁴ LAPID, 2019, 18'15".

⁵ LAPID, 2019, 16'17".

⁶ LAPID, 2019, 27'54".

⁷ LAPID, 2019, 34'27".

⁸ Por rizoma e condição rizomática, veja-se: Gilles Deleuze e Félix Guattari (1998), no que eles pensam o fenômeno como a natureza complexa e real de coisas e realidades compósitas que são múltiplas, transversalmente heterogêneas, e conectadas. suas territorialidades existenciais seriam móveis e mutantes, podendo apresentar características de a-significação, quando em natureza de mudanças revolucionárias intersistêmicas, ou, então, em contextos de impedimentos totalitários em relação a possibilidade de atividades criativas



das classes de palavras e de seus construtos nominais e verbais mais complexos. Adjetivos soltos dão lugar a substantivos, que dão lugar a verbos, que dão lugar a sintagmas nominais e frasais, sendo que tais categorias são permeadas por frases motivacionais que expressam razões e emoções radicais que fomentam a consecução do projeto de desconstrução e de reconstrução do rapaz.

Pragmaticamente falando, tem-se alguma evolução ideativa e comportamental nessa sequência, que não é hierárquica, porém rizomática de hierarquias funcionais flutuantes. Dos dispositivos de qualificação encontrados, há uma espécie de evolução para a referência de realidades substantivas, que por sua vez permite a chegada dos mecanismos acionais indicados pelos verbos. Qualidade, matéria e ação encaminham-se para o contexto no qual Yoav adquire uma dinâmica funcional da linguagem, instituição básica para a consolidação e difusão de qualquer cultura. Há, desse modo, uma dialética crítica no procedimento dos avanços linguísticos. Se de início, há a preocupação em se qualificar e se avaliar, em seguida, vem a observação detalhada das realidades a sempre compreendidas e dominadas, para que, por fim, a ação concreta de intervenção na realidade seja feita de modo esperado.

No entanto, o domínio cultural pretendido foge à esquemática apriorística, pois nos próprios núcleos citados, predomina uma potência desejosa que debate por perceptos, afetos e racionalidades esquizoides. Marcação esquizoide é tida aqui no sentido de multiplicidade e de diversidade de propósitos, por vezes contraditórias, apesar de complementares, sobre as quais o sujeito não tem controle completo. Mesmo assim, há uma subjetivação em curso que, de modo intenso e otimizado, lança-se na realidade premente da conquista de diferentes capitais simbólicos, notadamente os culturais, que lhe assegurem a legitimação do novo pertencimento. Nesse sentido, os estudos políticos e socioculturais de Pierre Bourdieu, afirma que

o capital cultural, que compreende o conhecimento, as habilidades, as informações etc., correspondente ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família, e pelas instituições escolares, sob três formas: o estado incorporado, como disposição durável do corpo (por exemplo, a forma de se apresentar em público); o estado objetivo, como a posse de bens culturais (por exemplo, a posse de obras de arte); estado institucionalizado, sancionado pelas instituições, como os

e inovadoras frente às padronizações impostas pelos sistemas institucionalizados.



títulos acadêmicos; o capital social, correspondente ao conjunto de acessos sociais, que compreende o relacionamento e a rede de contatos; o capital simbólico, correspondente ao conjunto de rituais de reconhecimento social, e que compreende o prestígio, a honra etc. O capital simbólico é uma síntese dos demais (cultural, econômico e social).⁹

A construção de uma nova identidade pessoal passará, assim, pelos rigores da atividade de se adquirir o *habitus*, disposição e poder de posicionamento psicossocial, da coletividade na qual se deseja imergir. Haveria, então, uma narrativa da complexa e difícil conquista de um maquinário econômico,¹⁰ no qual mais do que produto padronizado por princípios políticos massificadores, o sujeito também tem de conseguir possuir consciência e controle sobre o maquinário de produção de tais bens.

As oscilações racionais e emocionais sobre os sentidos da linguagem trazem uma protagonista imersa em um fluxo de amálgamas de características subjetivas e identitárias. Sua evidência como sujeito não se substancia na economia narrativa,¹¹ pois ao mesmo tempo que tem certezas sobre sua avaliação feita ao seu país de origem, também tem dúvidas e cautelas sobre o tipo de vida que o novo país lhe é capaz de oferecer. De qualquer forma, Yoav está em uma experiência que lhe abrirá os territórios reais da existência, mesmo que o ônus interpessoal e interinstitucional que lhe é cobrado pela ousadia, por vezes seja alto.

⁹ BOURDIEU, 2009, p. 9-10.

¹⁰ Sobre economia da produção simbólica e seus protocolos de legitimação de poderes, queira acompanhar mais desdobramentos em Bourdieu (2009; 2003).

¹¹ Essa evidência substantiva do sujeito é tratada por Guattari, quando ele ensina sobre as três ecologias (a ambiental, a subjetiva, e a social). Para ele, a noção de unidade identitária, seja pessoal ou coletiva “parece unicamente quando se produz numa multiplicidade uma tomada de poder pelo significante ou um processo correspondente de subjetivação: é o caso da unidade-pivô que funda um conjunto de correlações biunívocas entre elementos ou pontos objetivos, ou do Uno que se divide segundo a lei de uma lógica binária da diferenciação no sujeito. A unidade sempre opera no seio de uma dimensão vazia suplementar àquela do sistema considerado (sobrecodificação)”. (GUATTARI, 1990, p. 16).



Émile, o amigo parisiense de Yoav, costuma dizer para que ele erga a cabeça com a finalidade de observar e compreender a dimensão dos monumentos da cidade e a complexidade das relações sociais da cultura que o jovem israelense escolhe para pertencer. No fotograma que abre essa parte, o jovem, em umas sequências finais da narrativa fílmica, posiciona-se frente à Catedral de *Notre Dame* e demonstrar sua capacidade de enfrentamento a um dos símbolos maiores do contexto sociocultural que não lhe corresponde às expectativas de modo esperado. Se anteriormente ele não conseguia sequer erguer a cabeça para contemplar o monumento simbólico da francofonia, nessa fase, ele não apenas o contempla, como deixa a marca de sua capacidade de intervenção sobre esse meio.

Nessa fase, o jovem está frequentando aulas para conseguir seu visto, em uma organização que educa estrangeiros sobre a história e os ideais do povo francês. Pessoas de várias nacionalidades estão em uma sala, na qual a professora expõe parte do programa nacionalista, alertando a turma para a necessidade do aprendizado oficial que lhes garantirá a permanência no país. Em uma dessas aulas, tem-se o seguinte contexto recorrente:

Professora: O galo é francês. Por quê? Por quê? Porque é corajoso, é forte, e acorda cedo. Pretérito perfeito. O galo era corajoso.

Aluna 1: (Repetindo) O era corajoso. O galo era forte. E acordava cedo.

Professora: (Pedindo a conjugação em outro tempo para outra aluna) Futuro.

Aluna 2: O galo francês será corajoso, será forte, e acordará cedo.

Professora: Muito bem. A formação cívica se tornou obrigatória desde 2002. Nem todos obtêm a nacionalidade francesa. Se forem assassinos, se forem traficantes, se tiverem pulado a grade do metrô sem autorização. Sr. Keita, (dirigindo-se para um aluno negro) um nome bonito. Lido com keitas todos os dias. Precisa se esforçar. Concorda?

Aluno negro: Concordo.

Professora: Vou lhe fazer algumas perguntas. Quantas províncias? Quantas autarquias? Quantos presidentes houve na 5ª República? De Gaulle, Pompidou, Giscard d'Estaing, a quem podem chamar de Valéry, Mitterrand,



Chirac, Sarkozy, Hollande, Macron. Nosso hino nacional se chama...

Aluno negro: A Marselhesa.

Professora: A Marselhesa. Quem quer ler a letra. Você?

Aluna de Taiwan: Me chamo Elyne. Sou de Taiwan.

Professora: Você é tímida?

Aluna de Taiwan: De jeito nenhum.

Professora: Todos a ouviremos, Elyne.

Aluna de Taiwan: “Avante, filhos da Pátria. O dia da Glória chegou. Contra nós, da tirania, O estandarte ensanguentado se ergueu. O estandarte ensanguentado se ergueu. Ouvis nos campos rugirem esses ferozes soldados? Vêm eles até aos nossos braços, degolar nossos filhos, nossas mulheres. Refrão: Às armas, cidadãos! Formai vossos batalhões! Marchemos, marchemos! Que um sangue impuro ague o nosso arado”.

Professora: (Dirigindo-se a Yoav) Você. A segunda estrofe.

Yoav: Yoav, israelense, perseguido pela segurança de Israel. Se me permite, um pouco mais alto, por favor. “Amor Sagrado pela Pátria, conduz, sustém-nos os braços vingativos. Liberdade, liberdade querida, Combate com os teus defensores! Combate com os teus defensores! Sob as nossas bandeiras, que a vitória chegue logo às tuas vozes viris! Que teus inimigos agonizantes vejam teu triunfo e nossa glória”. Mais alto, por favor. Mais alto! “Às armas, cidadãos! Formai vossos batalhões! Marchemos, marchemos! Que um sangue impuro ague o nosso arado”.¹²

Toda uma síntese propedêutica nacionalista feita por conteúdos tradicionais é imposta e exigida a estrangeiros que serão obrigados a assumi-la para serem aceitos na sociedade parisiense e francesa. Seu caráter político-cultural é incontestável, demonstrando a substancialidade das fronteiras interpostas entre o suposto país, tido como berço da liberdade moderna e contemporânea ocidental, e os demais povos que lhe pedem acolhimento e segurança.

¹² LAPID, 2020, 01'34"14".



Se, de início, Yoav demonstra certo encantamento com a acolhida no país, e com a possibilidade de inserção da sociedade francesa, percebemos que seu olhar crítico começa a desconstruir os construtos de civilidade padrão aos quais deve se submeter para atingir seu projeto de vida, que é o de abandonar Israel para construir nova vida em uma sociedade verdadeiramente democrática.

Nesse contexto de aulas oficiais e obrigatórias, seguimos o seu ápice quando a professora apresenta o hino nacional francês, *A Marselhesa*, à sua sala de alunos. Tal apresentação não é preparada por nenhuma apresentação histórica e sequer por alguma reflexão explicativa do caráter bélico que baseia a letra e a música do do hino supostamente revolucionário e libertário.

No entanto, Lapid parece oferecer algo além de uma adequação acrítica do jovem israelense à situação conservadora de acesso à cidadania francesa. Esse excesso em abraçar a nova história e a tradição de uma sociedade estrangeira parece estar disposto em uma clave de ironia que mistura a situação educativa com a crítica sarcástica aos comportamentos submissos expressos por uma negação que lança o rapaz no campo daquela hipercorreção, no qual mais se demonstra a recusa ao ato, do que a aceitação acrítica de tal ato.

Yoav é um sujeito avesso às fronteiras e aos autoritarismos de qualquer natureza. É por isso que concebeu seu plano de fuga de Israel, e é por isso que seu comportamento relativamente explosivo o colocará em situações complicadas e perigosas em sua estada em Paris. Exemplo disso é sua reação aos desmandos e injustiças burocráticos que ele presencia em seu trabalho na embaixada israelense em Paris. Em uma dessas experiências na embaixada, ele se insurge, por exemplo, contra o fato de muitas pessoas serem obrigadas a ficar em uma enorme fila e debaixo de forte chuva para terem seus atendimentos burocráticos efetivados. O rapaz se desespera com a situação indigna das pessoas e as faz entrar na embaixada, quebrando a hierarquia e submissão ocasionadas pela burocracia da fila, que representa aspectos da intransponibilidade desses símbolos pragmáticos das várias fronteiras erguidas, de modo arbitrário, entre os povos.

Lembre-se, nesta altura, das reflexões psicossociológicas e filosóficas que Gilles Deleuze e Félix Guattari fazem em seu alentado estudo que é *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Para eles, em relação à constituição e funcionalidade do corpo sem órgão (CsO), base para processos identitários em condição processual, tem-se construtos subjetivados de modo contínuo e de plástica flexível, pois tais construtos são inerentes ao ser humano desejoso, instado por uma relação recíproca e ontológica que não separa modo de produção dos produtos temporariamente estabelecidos. Assim:



O CsO [corpo sem órgãos] é o campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo).¹³

Mesmo supondo a atuação histórica de instâncias aparentemente exteriores em seus dispositivos de enunciações diretoras, unificadoras e excludentes, na perspectiva do maquinário produtor de subjetivações e identidades provisórias e móveis, os corpos se movimentam nos fluxos de oposições a organicidades de caráter totalizador e totalitário. Continuando com os dois pensadores:

O CsO não é de modo algum o contrário dos órgãos. Seus inimigos não são os órgãos. O inimigo é o organismo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo. É verdade que Artaud desenvolve sua luta contra os órgãos, mas, ao mesmo tempo, contra o organismo que ele tem: O corpo é o corpo. Ele é sozinho. E não tem necessidade de órgãos. O corpo nunca é um organismo. Os organismos são os inimigos do corpo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas, com seus “órgãos verdadeiros” que devem ser compostos e colocados, ele se opõe ao organismo, à organização orgânica dos órgãos.¹⁴

Nessa situação teórica e prática, percebe-se que o organismo em constante constituição das pessoas, no nosso caso, o do jovem israelense, luta para se manter em constante projeto de integrações subjetivas que lhes possibilitaram certo autocontrole diante das demandas externas que também lutam para submetê-los a *habitus* padronizador.

Até mesmo quando sua odisseia denegativa em relação à sua cultura de origem lhe imprime crises de dessubjetivação, o jovem ativo, crítico e rebelde será capaz de compreender, de certa forma, as dinâmicas de organização tradicional e reacionária que qualquer sociedade minimamente organizada lhe imporá. Ele compreenderá, em certa altura dessa odisseia, que será tido como um marginal, um depravado, uma variável a ser extirpada do modo de produção social que é tido como produtivo, apesar de suas notórias depravações sociopolíticas inerentes.

¹³ DEULEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14.

¹⁴ DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 19.



Suas estratégias interpessoais e políticas de aparente natureza violenta possuem importante razão de ocorrer, mesmo quando ele sente a necessidade de forçar a quebra de relação empática com o casal de jovens parisienses, Émile e Caroline, que lhe salva a vida e aparentemente também o ajudam, como se não possuíssem nenhum interesse próprio em relação à acolhida solidária que fazem.

Synonymes não é um filme palatável para todos os públicos. Levado ao público em festivais de cinema cult, ou em salas de cinema comercial, as reações do público são variadas. Em Goiânia, Brasil, durante a sessão e na saída da sala, ouviam-se várias reações tais como a de que o roteiro explorava demais a nudez do ator que interpreta Yoav, que a personagem não entendera a boa e justa recepção que tivera do casal de jovens franceses, que o jovem era um ingrato com a sua bondosa e compreensiva família, sobretudo com seu velho pai, que a juventude contemporânea não valoriza a tradição de instituições responsáveis pelo bem-estar social, que a juventude contemporânea é muito violenta nas suas tentativas de inserção no mundo, que Yoav é um jovem desequilibrado que não respeita organização alguma; entre outras expressões de medo e certo desacordo com o projeto de desconstrução e reconstrução identitária constantemente demonstrado pela protagonista deste filme.

Parte desse estranhamento perante os comportamentos da personagem protagonista parece que derivam de uma das últimas sequências do filme, na qual ele vai assistir a um concerto de Caroline, e no intervalo do evento musical tem uma calorosa discussão com a jovem no meio de todos os seus colegas de orquestra. Vale lembrar que a francesa se oferecera, num acordo com Émile, para se casar com Yoav para que ele conseguisse o visto de cidadão francês. No entanto, o casal francês parecia estar mais preocupado em concretizar seus projetos pessoais do que verdadeiramente se lançarem em uma complexa e exigente relação transcultural. Nos diálogos dessa discussão calorosa que acontece no camarim de uma casa de apresentação e no intervalo do evento, ocasionará uma guinada radical nos projetos do rapaz:

Yoav: Preciso ir embora. Obrigado pelo convite.

Caroline: Espero que não tenha sido duro demais.

Yoav: Não tenho nada de bom para dizer. A música que vocês tocam é admissível de maneira inadmissível. Quanto mais eu ouvia, mais desolado eu me sentia. (Gritando) É por isso que vou embora.

Violoncelista: Senhor, o que acabou de dizer e a forma como disse, foi, francamente, grosseiro. De fato, é uma boa ideia, o senhor. [...]



Caroline: Apresento-lhes o galo israelense do qual lhes falei. Já faz seis meses que ele nos entretém.

Yoav: Na França há liberdade de expressão para todos. Verdadeiro? Falso? [...] Não compreendeu? Uma grande nação está se afundando.

Caroline: Compreendo.

Yoav: Compreende o quê?

Caroline: Porque você não correu nu na rua. Pensa que banca o louco? Você é louco.

Yoav: É assim que uma mulher fala com o marido? Essa mulher é casada comigo, sabiam? Foi um gesto de misericórdia em me aceitar como marido. Não pense que sou ingrato. Franceses, olhem para mim. Uma vez me salvaram. Agora eu salvarei a todos vocês. A república está caindo. Um pequeno rombo está se alastrando. Até eu, quando cheguei aqui, fui engolido pelo ralo da banheira. Michel morreu.¹⁵

Nessa altura da narrativa, o israelense romperá a relação casuística que tem com a jovem francesa. O que será a ocasião para que ele provoque a francesa em relação aos hipócritas princípios e valores da cultura tradicional que a perfaz como sujeito convencional, apesar de seu comportamento aparentemente ser libertário. O rapaz expressa ao grupo de músicos, em meio até mesmo a confusas reflexões sobre relações transculturais, sua opinião sobre como o povo francês é incapaz de demonstrar respeito pela história de liberalidades e de revoluções que fora capaz de efetivar durante séculos. Sua fala é carregada de ironia e de verdades polêmicas, que normalmente não são utilizadas quando se deve demonstrar controle civilizacional em ocasiões revestidas de formalismo comportamental, mesmo que o lugar seja o camarim de uma casa de apresentação de música erudita.

Deleuze e Guattari, quando tratam do fenômeno constituidor transversal que é o rizoma, no que ele diz respeito aos processos de produção de subjetividades e de identidades em fluxo, alertam para o fato de que, apesar do corpo sem órgãos (CsO) se esbater contra organizações terminais, havemos de guardar um *quantum* das possibilidades dos organismos. Para eles:

¹⁵ LAPID, 2020, 1'53'15''.



É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas razões de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante.¹⁶

Assim, é possível acompanhar as heterogêneas e singulares mobilidades psicossociais¹⁷ de um israelense que procura transformar as realidades nas quais está inserto/incerto. Se o seu ímpeto transformador é mostrado em sua crieza de combate, nos moldes de uma máquina de guerra contra as instituições autoritárias e conservadoras, ao que considera tradicional e reacionário, essa violência interrelacional questionadora, vivida nos seus sete meses de autoexpatriação em Paris, dará lugar à crença de que há de se encontrar equilíbrio para os projetos factíveis de vida em qualquer sociedade.

O corpo sem órgãos haverá de guardar, por medidas cautelares básicas de sobrevivência psicossocial, um *quantum* do organismo, contraparte das instituições que moldam o campo social que se tem e aquele que se pretende construir.

Dessa forma, neste artigo, refletimos sobre o instigante filme *Synonymes*, do diretor israelense Nadav Lapid, nas linhas temáticas pertinentes às refrações ontológicas dos construtos identitários, às fronteiras e dinâmicas dos corpos sem órgãos (CsO) nas mobilidades críticas que procuram desconstruir e reconstruir padrões existenciais disponibilizados e impostos por governos de várias sociedades ocidentais e orientais, bem como observamos aspectos de comportamentos que funcionam como máquinas de guerra que,

¹⁶ DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 21.

¹⁷ Por mobilidades psicossociais contemporâneas, acompanhamos as reflexões de Marc Augé (2010) que pensa o fenômeno em uma aldeia global em que tempo e espaço são dimensionados pela conectividade imediata, trazendo ganhos e perdas nos relacionamentos locais e globais. Optamos pela perspectiva dos ganhos das relações humanas, em função do caráter do enriquecimento do capital simbólico adquirido, em condições de dialética crítica. Os estudos deste pensador abrangem questões predominantemente sociais. No entanto, esse pensamento também pode ser usado na dinâmica do sujeito em sua dimensão psíquica, pois ele está inserto transversalmente nas relações sociais.



paradoxalmente, fazem pensar sobre as estratégias de certo pacifismo parrésico. Aqui, o adjetivo dado ao pacifismo diz respeito à conduta franca e direta no que diz respeito às críticas feitas a sociedades movidas predominantemente pela política autoritária e hipócrita.

Referências

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de Almeida. Maceió: EDLTFAL/UNESP, 2010.

BELINCHÓN, Gregorio. 'Synonymes', do israelense Nadav Lapid, ganha o Urso de Ouro no Festival de Berlim. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/16/cultura/1550339880_815522.html. Acesso em: 23 ago. 2020.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BROWN, Pat. *Review: Synonymes Is a Bold Film About the Struggle to Assimilate*. Disponível em: <https://www.slantmagazine.com/film/review-synonymes-is-a-bold-film-about-the-struggle-to-assimilate/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

CAMIA, Giovanni Marchini. *Berlinale first look: Synonyms muddies the dreams of an Israeli in Paris*. Disponível em: <https://www.bfi.org.uk/news-opinion/sight-sound-magazine/reviews-recommendations/synonyms-nadav-lapid-muddy-dreams-israeli-paris>. Acesso em: 22 ago. 2020.

CLARAC, Toma. *Entrevista com Nadav Lapid "J'ai compris qu'il fallait que je me sauve"*. Disponível em: <https://www.vanityfair.fr/culture/ecrans/story/synonymes-de-nadav-lapid-interview/5447>. Acesso em: 20 jul. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1227 — Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – como criar para si um corpo sem órgãos. In: _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

EHRlich, David. *Synonyms' Review: An Astonishing, Maddening Drama About National Identity-Berlin*. Disponível em: <https://www.indiewire.com/2019/02/synonyms-review-nadav-lapid-berlinale-2019-1202044142/>. Acesso em: 20 ago. 2020.



GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad Suely Rolnik. Campinas: Papirus Editora, 1990.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LALANNE, Jean-Marc. *Entretien avec Nadav Lapid autour de "Synonymes"*: "un film affecté par le chaos. Disponível em: <https://www.lesinrocks.com/2019/03/26/cinema/cinema/entretien-avec-nadav-lapid-autour-de-synonymes-je-voulais-un-film-affecte-par-le-chaos/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LAPID, Nadav. *Synonymes*. Direção: Nadav Lapid. Produção: Saïd Ben Saïd, Michel Merkt. Roteiro: Nadav Lapid e Haïm Lapid. País: Israel, França e Alemanha. 2018. 123m.

MARCUSE, Hebert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCUSE, Hebert. *Eros e civilização*. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MERTEN, Luiz Carlos. Nadav Lapid e a metáfora de "Synonymes": o jovem está sempre em movimento. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/cinema/nadav-lapid-e-a-metafora-de-synonymes-o-jovem-esta-sempre-em-movimento,1a4cea8d9a9e43df37fba49e12c77d2b48o7f4wy.html>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SOBRAL: Cláudia. *Sinônimos. A batalha sem fim de Nadav Lapid (Com entrevista do diretor)*. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/658691/sinonimos-a-batalha-sem-fim-de-nadav-lapid-?seccao=Mais>. Acesso em: 15 jul. 2020.

WEISSBERG, Jay. *Film Review: 'Synonyms'*. Disponível em: <https://variety.com/2019/film/reviews/synonyms-review-nadav-lapid-1203139014/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Recebido em: 13/09/2020.

Aprovado em: 23/09/2020.